

MULHER DO CAMPO: A VOZ QUE NÃO PODE CALAR!

Marina Santos Pereira¹

RESUMO

Esse artigo trata-se de um relato de campo das impressões captadas durante várias visitas realizada no Assentamento Eldorado I, que faz parte de um complexo de assentamentos localizado no município de Sidrolândia- MS. Apresentamos a história da antiga fazenda Eldorado, as memórias e as vozes de algumas mulheres que vivenciam as dificuldades e a consolidação de um sonho realizado. Para tanto, procuramos aprofundar a perspectiva de gênero, por isso a prioridade em ouvir as histórias a partir das vozes dessas mulheres, silenciadas pela sociedade patriarcal em que vivemos, e que por vezes tem seus desejos e sonhos freados por uma lógica que posiciona o homem como o provedor natural da casa, dificultando sua participação ativa nas decisões de produção no lote. Entretanto, algumas dessas mulheres eram solteiras ou divorciaram na fase de acampamento e nos relatou suas experiências, nesses espaços pautados por uma presença masculina enquanto responsável por suas famílias. Contudo, esse é o início de uma longa jornada em busca do registro da história dessas mulheres guerreiras- filhas, irmãs, esposas, mães, tias, avós. Mas também, assentadas, agricultoras rurais, adoráveis amantes, administradoras do lar e do lote, advogadas dos filhos e professoras da vida. Mulheres que lutam todos os dias contra o preconceito, o descaso, a falta de respeito, a injustiça e a desesperança.

Introdução- A queda de um império e o caminho para Eldorado²

Sidrolândia é o município do estado de Mato Grosso do Sul com maior número de assentamentos rurais, são 23, sendo alguns ainda sem regularização, assim são beneficiadas 4.173 famílias. É nele que está localizado o assentamento Eldorado I. Esse assentamento faz parte de três grandes complexos de assentamentos oriundos da

¹ Acadêmica regular do Programa de Pós-Graduação em Sociologia- PPGS\UFGD.

² Caminho para El dorado: título de um filme de animação lançado em 2000. Conta a história de dois amigos que se aventuram em busca de ouro na cidade lendária, que para ambos significaria o mesmo que encontrar a felicidade.

desapropriação da antiga Fazenda Eldorado. Sendo assim, Eldorado I, Eldorado II e Eldorado Parte, que ao todo soma-se uma área com cerca de 28,5 mil hectares.

A antiga fazenda sofre especulações em relação a sua compra supervalorizada, segundo o jornal- O Estado de Mato Grosso do Sul:

Em 28 de maio de 2004, o Grupo Bertin adquiriu de Franca Giordanetti de Souza Firmo e Monique Giordanetti de Souza Firmo a Fazenda Eldorado e Alambari, a cerca de 30 quilômetros de Sidrolândia, por R\$ 73,6 milhões. Em agosto do mesmo ano, apenas quatro meses após a conclusão da venda, o Incra começou a negociar a aquisição das terras, que acabaram sendo compradas pelo instituto por R\$ 179,7 milhões.³

Entretanto, essa valorização imobiliária de 106,1 milhões jamais foi explicada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA.

Em 2008, a sede da antiga fazenda já destinada à Reforma Agrária serviu de cenário ao filme nacional Cabeça a Prêmio, do diretor e ator Marco Ricca, que teve em seu elenco atores e atrizes reconhecidos como Alice Braga, Fúlvio Stefanini, Eduardo Moscovis e Cássio Gabus Mendes. O filme relata a história de uma família de pecuaristas em decadência que mantinham negócios paralelos com o narcotráfico na região de fronteira com Paraguai e Bolívia. Recebeu uma indicação na categoria de melhor atriz, para Alice Braga, no Grande Prêmio Brasileiro de Cinema de 2011, além de outras indicações e prêmios. Na época, a sede ainda ostentava um período de riqueza e glória em toda sua arquitetura, seus portões de ferro maciço, suas fontes conservadas, as paredes revestidas de madeira pura, e os armários embutidos em todos os quartos com grandes espelhos.

Em conversas informais com os moradores e antigos funcionários da fazenda, nos relataram que apesar de ser um pouco escura devido o revestimento de madeira nas paredes, era muito bonita e que a família era muito rica. Existiam funcionários internos, ou seja, que cuidavam dos afazeres da casa e funcionários externos, responsáveis pelo gado e afins. Ninguém entrava portões adentro sem autorização. Um funcionário externo comunicava ao funcionário interno que trazia a resposta, não se tinha acesso fácil aos patrões. Inclusive conhecemos uma jovem de 19 anos que nasceu na fazenda e não conhece a casa por dentro. Essas famílias de antigos funcionários tiveram direito ao lote no assentamento.

³ http://www.mnp.org.br/index.php?pag=ver_noticia&id=394706: retirado do site em 14-01-2014.

Na parte interna da sede tem uma capela de São Paulo, construída em homenagem ao antigo dono falecido Paulo Eduardo Giordanetti de Souza Firmo, após a desapropriação a capela não fora usada e nem reconhecida pelos assentados, muitos dizem que toda a sede e principalmente a capela é mal assombrada e que seus restos mortais ainda estão lá dentro. O que segundo as freiras que moram próximo à sede, o fato não é verídico, pois seus restos mortais teria sido retirados pela família.

De acordo com a placa de homenagem ao antigo dono que se encontra na entrada da capela, ele era da região nordeste do Brasil e veio para a região de Sidrolândia na década de 1970 com o intuito desbravador e empreendedor. Ali montou seu singelo reinado, com a construção de uma casa que se torna arrogante em toda sua ostentação. Um morador nos relatou que os vasos pendurados nas pontas de ferro dos muros foram trazidos da França, que o imenso lago próximo a reserva ambiental fora construído artificialmente, mas que apesar de tanto luxo e riqueza, a família quase não ficava na casa e que ela era bastante usada para recepcionar amigos e pessoas importantes, como políticos e artistas.

Questionar a veracidade dos relatos não nos é importante nesse momento, pois uma coisa ficou nítida, a antiga Fazenda Eldorado marcou sua presença e história no município de Sidrolândia, e na vida das pessoas que presenciaram todo seu momento de glória e poder.

Conhecendo o campo de pesquisa

Em janeiro fomos em uma equipe composta por 4 mulheres, acadêmicas de graduação, mestrado e doutorado. O que foi enriquecedor para nossa pesquisa de campo, afinal compartilhamos visões e experiências distintas. Ficamos hospedadas na antiga sede que atualmente está sob responsabilidade da Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD após um convênio entre o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária- INCRA e a Universidade, onde parte da sede do assentamento servirá como espaço de desenvolvimento de atividades realizadas pelos técnicos e acadêmicos/as juntamente com os/as assentados/as.

Ao redor da sede possui algumas casas de alvenaria onde moram antigos funcionários da fazenda, e está instalado o escritório da Associação Criança, Esporte, Cultura, Educação e Recreação—CRESCER que presta serviços técnico agrícola as famílias assentadas, além da escola municipal e estadual, e a casa das três feiras que trabalham na comunidade e nos auxiliou nesse primeiro momento.

As irmãs foram de grande importância para o desenvolvimento de nossa pesquisa, através delas conhecemos e visitamos algumas famílias durante a semana que ficamos no assentamento. Apesar da região da sede estar localizada no assentamento Eldorado II, nossas visitas foram um pouco mais distantes, no Eldorado I. O assentamento Eldorado I, possui uma divisão peculiar e de difícil compreensão devido a uma divergência de opiniões em relação ao movimento social que pertenciam, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST. A divergência o dividiu em grupo Che Guevara pertencente ao MST e o dissidente João Batista. O que se pode compreender que a divisão criada no assentamento é de cunho político, pois a região territorial para o INCRA e demais pessoas é reconhecida como Eldorado I.

Em se tratando de grupos com interesses comuns, os movimentos sociais são como uma equipe que tem o intuito de manter a fachada unida, assim cada grupo nos contava sua versão do conflito. Dessa maneira para ambos os grupos podemos perceber que:

Uma vez que todos nós participamos de equipes, devemos carregar no nosso íntimo algo da doce culpa dos conspiradores. E desde que cada equipe está empenhada em manter a estabilidade de algumas definições da situação, escondendo ou depreciando certos fatos a fim de consegui-lo[...] (GOFFMAN, 2013, p.119)

Segundo Goffman, essa conspiração não deve ser interpretada enquanto algo ruim ou depreciativo, e sim como algo muito comum em nossa vida social, a todo momento estamos conspirando, trabalhando para convencer as pessoas de nossos ideais, de que nossa forma de pensar e agir funciona, e que é a melhor opção. Quando estamos em grupo o esforço é maior, pois somos cúmplices, e foi por isso que diante de tal situação, procuramos nos manter distanciadadas das discórdias alheias, pois nosso papel não era e não é tomar frente de nenhum grupo.

Nesse mesmo dia conhecemos a Dona Ana⁴, uma senhora atenciosa que nos convidou para uma reunião da Associação CRESCER com as mulheres do assentamento Alambari, que não faz parte da antiga fazenda Eldorado, mas que fica ao lado. Na palestra foi exibido o curta metragem: Acorda, Raimundo...acorda! do diretor Alfredo Alves produzido em 1990. O curta traz uma reflexão sobre a imposição dos papéis ditos masculinos e femininos em nossa sociedade, e de como seria a inversão de

⁴ Os nomes das pessoas citadas são fictícios para preservação da imagem destes. Exceto o nome do proprietário da antiga fazenda.

tais papéis. Ao final, as mulheres participaram e expuseram a dificuldade que possuem em executar um projeto próprio no lote, pois os maridos não confiam a elas tal feito. E que muitos homens receberam o dinheiro do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar- PRONAF, compraram um carro ou uma moto velha, trocaram de esposas e atualmente passam dificuldades, pois não investiram no lote e não deixaram que suas esposas investissem.

Situações como essa são comuns nas falas das mulheres, seus desejos e sonhos são freados por uma lógica que posiciona o homem como o provedor natural da casa. Inclusive a reunião contava com apenas quatro mulheres participando, e as presentes estavam preocupadas com o horário, pois tinham que voltar a tempo de fazer o almoço para seus maridos. São perceptíveis as dificuldades entre as mulheres para se desvencilharem de tais responsabilidades e direcionarem suas atenções e forças para a participação política nos assentamentos, no que se refere ao direcionamento da produção, a organização de grupos, a comercialização, enfim, nos rumos da vida nestes espaços. Pois essa carga excessiva de afazeres e cuidados, é uma espécie de dominação muito maior do que imaginamos é:

[...] Produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições como a família, a Igreja, a Escola e o Estado. (BOURDIEU, 2009, p.46)

Bourdieu explica a violência simbólica como algo oposto do real, de cunho espiritual, que é internalizado, tornando-se em natural. O comportamento feminino é adestrado a aceitar como vocação a subordinação, e em muitos casos legitimando a violência “real”, ou seja, física, patrimonial e psicológica, sendo a unidade doméstica o lugar onde ela mais ocorre de forma silenciada. As consequências dessa estrutura social, é que desde cedo as meninas incorporam os princípios da visão dominante e as naturaliza a ordem social, e esta relação está tão enraizada, que se reproduz a todo o momento. Por isso, notou-se que a proposta da reunião com as mulheres não era apenas ensinar formas de produção no lote, mas fazer troca de experiências que façam com que elas percebam seu espaço no mundo, que vai além da dimensão do privado, do lar, da família, que elas podem sim opinar, produzir, expor seus desejos e sonhos. Pois acreditar que apenas a independência econômica pode quebrar tal modelo é ilusão. É

necessário uma (re) educação, pautada no respeito ao próximo, nas escolhas individuais, e não na diferenciação dos sexos, tanto para meninos como para meninas.

Mulheres assentadas....Suas vozes

Segundo a relação de beneficiários do INCRA (2012), só o assentamento Eldorado I beneficia cerca de 852 famílias, porém muitas famílias foram transferidas, outras evadidas, o que faz a lista diminuir. Dessas famílias 137 titulares são mulheres.

Durante a semana que passamos no assentamento muitas mulheres estavam trabalhando em uma fazenda próxima, onde ficam em torno de 15 dias e recebem uma diária equivalente a 40 reais. O marido de uma delas nos explicou que o trabalho consiste em espalhar sementes na terra. Elas se deslocam deixando filhos e filhas sob os cuidados dos pais ou conhecidos para aproveitarem a oportunidade de um ganho extra. No entanto, conhecemos algumas mulheres que vivem sozinhas nos lotes, e que produzem não apenas para subsistência, mas para a comercialização também.

Enquanto caminhos metodológicos nos dividimos em duplas e utilizamos a aplicação de um questionário bem direcionado em forma de *entrevista diálogo*, na qual: [...] O diálogo entre pesquisador e informante tem por objetivo a coleta de informações precisas sobre determinado problema, por meio de perguntas e respostas efetuadas de maneira direta, tanto quanto possível. (QUEIROZ, 1991, p.58).

As entrevistas foram conduzidas individualmente, sendo transcritas e analisadas, considerando as expressões, os “não ditos”, os silêncios, as emoções, bem como todo o contexto que envolveu a permanência das pesquisadoras junto às mulheres. Deste modo, conhecemos um pouco as histórias de vida e luta dessas mulheres silenciadas e invisibilizadas pela sociedade.

Janice

Janice, é uma mulher tranquila de 42 anos e mora a 5 anos no assentamento. Mãe de duas filhas e um filho, sendo uma filha casada e outra ainda mora com ela. Seu filho mais velho, o Beto de 24 anos, teve meningite quando bebê e como consequência seu lado esquerdo paralisou, prejudicando a fala e a coordenação motora. Ela separou-se do marido quando ele ainda era criança, mas ele não aceitou e levou Beto consigo para a avó paterna cuidar, interrompendo o tratamento que que fazia na APAE do município de

Dourados-MS, prejudicando seu desenvolvimento. Atualmente, tem um companheiro, porém cada um mora no seu lote, o que ela explica em risos de: “[...] um casamento um pouquinho diferente, não é aquele tradicional.”

Vivendo ela, o filho especial, e a filha caçula que ingressou na faculdade esse ano, perguntei qual era a renda deles e se era o suficiente para se manterem:

[...] Como se diz, a gente tem que viver com o que tem, quando tem mais se fica mais tranquilo, quando tem menos a gente se aperta (risos). Agora tem o benefício dele (Beto) que ele ganha especial...e o leite. Por que o leite é assim ele varia muito, ao mesmo tempo que eu tô entregando 40 litros, daqui a pouco já vai pra 30, 20, 15 depende muito da época das vaca, né. (Entrevista concedida em 21-01-2014).

Por ser uma pessoa com um histórico transitório de acampamento desde os 10 anos de idade, Janice acredita que a vida está bem melhor do que era antes. Passou por diversos acampamentos até mesmo depois de casada, e quando se separou, conseguiu o lote em que está hoje, mas ao chegar foi o mesmo que recomeçar:

Vixi, quando eu cheguei aqui fiz um barraquinho de lona, até tem o sinal ali ainda. Morei no barraquinho 2 anos, até construir minha casa, quando eu peguei esse lote, era de uma pessoa já de idade e a pessoa faleceu, não tinha nada investido no lote, ele pegou o fomento gastou tudo. Tive que vender...ainda bem que eu tinha umas vaquinhas, vendi duas e paguei pra cercar. Aí coloquei as outras aí...depois foi tirando dinheiro, vendendo bezerro, vendendo a vaca. Construí a casa, paguei pedreiro...e é por aí que a gente vai vivendo. Quando eu vim, só veio a mais nova, a Viviane. A mais velha não quis vir porque aqui não tinha energia, sabia que ia morar debaixo de um barraquinho de lona. Lá onde a gente morava, tinha a casa, já tinha energia, um pouco mais de conforto, né. E sabia que aqui teria que enfrentar tudo de novo...aí veio só a mais nova, na época era bem pequena. Esse (Beto) morava com a avó e a outra ficou morando com o pai lá. Aí depois de 6 meses, aí a Vanessa veio, aí depois que eu construí a casa eu trouxe esse daqui. (Entrevista concedida em 21-01-2014).

Quando Janice se refere “esse” está citando Beto, que apesar das dificuldades com a fala, é bem comunicativo e ficou todo o tempo próximo de nós. Interrompendo para nos falar uma coisa ou outra, ele usa gestos e aponta objetos para se comunicar, além de gostar muito de abraços.

Percebemos na história de Janice como a vida é dificultosa para a mulher do campo, enquanto casada continuou transitando em acampamentos acompanhando o marido, que chegou a ser beneficiado com lote no município de Maracaju-MS, mas que deixou para o irmão, voltando a percorrer por outros acampamentos do estado de Mato Grosso do Sul. Quando decidiu separar-se não aceitando lhe tirou o filho, prejudicando seu tratamento tão necessário. Porém mesmo diante das dificuldades, ela não desistiu de viver o sonho da luta pela terra, pela casa, pela produção e o mais importante a luta pela autonomia enquanto mulher, enquanto ser de direitos e desejos, pois: “[...] Quando se trata da terra, as representações dominam; os estereótipos, produtos do regionalismo e das ideologias políticas, florescem.” (PERROT, 2007, p. 110). Janice não só é, como se sente uma vencedora, terminou seus estudos e pretende fazer uma faculdade, e apesar das dificuldades que passou sente que parte de seus sonhos estão sendo realizados:

Já foi um sonho realizado pra mim de pegar um lote, de poder ter um lote...porque eu me sinto bem, né. De ter essa oportunidade, de pegar um lote, de poder trabalhar e num lugar que a gente possa sobreviver, né. (Entrevista concedida em 21-01-2014)

Durante nossa visita em sua casa, estávamos explicando que nosso intuito era mostrar como a mulher do campo pode sim, ser a mantenedora única do lote. Pois, apesar da produção no assentamento ser pautado numa construção de trabalho familiar, e esse familiar, inclui o homem como chefe dessa família. Não significa que a falta desse exclui essa produção. Nesse momento seu esposo (João) chegou e ouvindo, perguntou se podia interromper e nos concedeu sua opinião sobre a mulher que mora sozinha no lote:

Eh...e mostrar pro povo que uma mulher sozinha, ela tem, ela querendo, ela tem condições igual um homem pra poder tocar o lote. Por que aqui na nossa comunidade mesmo tem várias ‘mulher’ que é sozinha e o lote é bem mais cuidado do que aonde tem um homem. Eu sou homem, mas tenho que assumir a realidade, né. (Entrevista concedida em 21-01-2014)

Porém, João nos confessou que essa nem sempre foi sua opinião, uma vez que imaginava ser difícil para o homem o trabalho na roça, para a mulher seria mais ainda.

Com o tempo passou a perceber que isso não era verdade e que as mulheres provaram o contrário: “[...] Eu mesmo aprendi e to aprendendo com a Janice.”

Em se tratando de uma pesquisa que tem como interesse em ouvir as mulheres, suas impressões, opiniões, desafios, histórias, sonhos e desejos, percebemos que João tinha como objetivo expor sua opinião também sobre o assunto, pois se sente parte dessa história:

Assim, quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo. (GOFFMAN, 2013, p.48)

A intenção não é julgar se sua opinião é verdadeira ou não e sim expor que uma fala pode ser intencional e idealizada segundo a expectativa que nós representávamos naquele momento, ou seja, o que queríamos ouvir e o que não facilmente ouviríamos de um homem em relação a mulher enquanto mantenedora de seu lote. E nossos valores reconhecidos estavam nitidamente notório de que era em defesa das mulheres.

Entretanto, propositalmente ou não, dispomos de diversos elementos para manter nossa fachada enquanto pesquisadoras e acadêmicas da UFGD naquele lugar. Eles estavam em nossas pastas com cópias dos questionários, no gravador, no caderno de anotações, na bolsa ou camiseta de algum evento promovido pela universidade em parceria com movimentos rurais e até mesmo no próprio modo geral de se vestir. Por maior que seja o intercâmbio entre pesquisador e pesquisado, ambos tentaram manter a fachada durante a interação, pois são situações e manifestações que fazemos a todo tempo quando estamos diante de outras pessoas. Definindo que: “[...] Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação.” (GOFFMAN, 2013, p.34).

Aline

Aline tem 41 anos, e mãe de 5 filhos. Está no assentamento a oito anos e atualmente mora sozinha no lote. Trabalha na limpeza da escola do assentamento e não produz no lote porque o recurso do PRONAF ainda não foi liberado para ela. Tentou plantar algumas vezes, mas não prosperou devido à necessidade de correção no solo.

Participativa nas reuniões do MST, sente de ter dado uma educação de qualidade para seus filhos, e enquanto mulher assentada:

Eu me vejo assim, como uma pessoa normal que faço parte de uma sociedade... porque é muito bom a gente se sentir assim. Por que geralmente, no mundo que nós vive pra maioria da sociedade as mulheres sozinha, principalmente as mulheres sozinhas são discriminadas, né. Então, aí através da luta, porque a gente lutou muito com isso também, vários encontros, vários curso de mulher, essas coisas, setor de gênero, né... a gente tá conseguindo amenizar um pouco a discriminação, o preconceito, essas coisas, melhorou bem... Nossa, principalmente no assentamento. Que até no início de pegar terra aqui, tinha muitos coordenador que contribua com a gente na coordenação que antes falava que não sabia o quê, que uma mulher sozinha ia fazer no sítio, né. Que o INCRA jamais deveria dar pra uma mulher sozinha um sitio... só que daí a gente lutou bastante... graças a Deus o machismo tá acabando. (Entrevista concedida em 23-01-2014)

A participação no movimento contribuiu como força para lutar pelo seu lote, como também para que se reconhecesse enquanto mulher percebendo onde e em que momentos o preconceito contra a mulher em suas condições eram latentes. Defendendo cada vez mais a importância da mulher no processo de luta pela terra:

Olha, vou te falar a verdade, eu pra mim essa importância é muito boa, porque as 'mulher' tem que mostrar, a verdade tem que aparecer, as 'mulher' ... porque a gente de primeiro não se via falar quase nas 'mulher'. Aí eu acho assim, de hoje as 'mulher' tá mais inteligente, a maioria das 'mulher' tá mais inteligente, né. Muitas não tão ainda se dando bem na sociedade porque as vezes não tem oportunidade, né. Mas a partir do momento que ela tem oportunidade, eu acho que é muito importante... a mulher hoje tá batalhando, tá lutando, né. (Entrevista concedida em 23-01-21014)

Segundo Aline, basta ter uma oportunidade que se alcança os sonhos, e foi o que ela fez ao separar-se do marido e ir embora de Corumbá levando seus cinco filhos para começar uma nova vida, e como mãe tem orgulho de si mesma, pois muitas vezes achou que não iria conseguir.

É visível o olhar preconceituoso as famílias sob responsabilidade direta (social e econômica) das mulheres, elas convivem com diversos “jargões sociais”, como famílias sem pai, mulheres disponíveis, mães solteiras, entre outros. Aline foi uma das milhares de mulheres que lutam por suas famílias e contra os estigmas sociais todos os dias, mas infelizmente, ainda existem famílias, e não são poucas em que: “[...] A dependência econômica da mulher força-a a entrar ou permanecer numa união que assegure sua sobrevivência e a de seus filhos.” (BARROSO, 1978, p.467). Sujeitando-se as diversas faces da violência e da dominação.

Carla

Carla tem 30 anos, terminou o ensino fundamental (9º ano) em 2013, e pretende continuar estudando. Mãe de 2 filhas e um filho, ainda crianças, mas que a auxilia nas tarefas da casa e do lote, que são o gado leiteiro e a plantação de maracujá. Atualmente tem um companheiro que mora com ela e as crianças, porém sua trajetória de luta pela terra teve como companheira sua filha mais velha, na época com menos de 2 anos de idade e hoje com 11 anos.

Como a produção no lote não é suficiente para manter a família, ela trabalha durante a semana como secretária de uma associação e seu companheiro como motorista do ônibus escolar. Ficando as tarefas no lote para o fim de semana, que é quando todos estão presentes. Apesar de todo esse empenho e gosto pela vida no campo, Carla nasceu e cresceu na cidade, seu contato com o campo surgiu quando decidiu fazer parte de um movimento social e ir para o acampamento incentivada por amigos:

[...] antes de eu vir acampar eu morava com minha mãe num quartinho. A situação dela não era boa, inclusive hoje ainda é do mesmo jeito não progrediu nada. E eu hoje em dia, eu me sinto bem no lote, a gente tem as coisas, entendeu... eu me sinto feliz no lote. (Entrevista concedida em 23-01-2014)

A vida no acampamento não só trouxe expectativas de uma vida melhor, como um tipo de companheirismo que diz não sentir mais no espaço do assentamento. Em relação ao fato de ser “mãe solteira”, no acampamento não sentiu preconceitos, pois aqueles que eram seus amigos a apoiavam. O problema veio com o INCRA que no cadastro a reprovou, juntamente com mais 17 mulheres que se encontravam na mesma situação familiar. O movimento a que pertence (MST) recorreu, e hoje tem a titularidade em seu nome, e o recurso do PRONAF já acessou. Porém, o preconceito

que não sofreu na época de acampamento veio no assentamento, momento que segundo sua fala, as pessoas são menos companheiras: “[...]Tipo assim eu tinha uma vizinha que não falava comigo porque eu era solteira, achava que a gente queria o marido”.

Contudo, para Carla sua vida passa a ter mais sentido a partir de sua inserção no movimento social, tanto que a narração de sua história sempre se mistura com a do movimento, da importância dele em sua vida:

Casei nova, não tive...não vivi minha vida quando era mais jovem, casei com 15 anos. Depois que eu vim acampar, que eu fui ver como que era, inclusive o movimento quando a gente faz assim encontro...que a gente fala, né, sobre agressão, como que a mulher deve ser....Aí, eu falo assim, que o movimento foi, tipo assim.... me ensinou a viver de novo, porque quando era amigada com 15 anos, eu era agredida pelo meu marido, aí depois que eu conheci o movimento que eu fui dar um pontapé inicial nisso, entendeu... Que eu conseguir largar dele, mas foi de 15 até 18 anos. Aí foi o movimento que me ensinou a viver. (Entrevista concedida em 23-01-2014)

Carla acredita que sua vitória se deu graças ao movimento, sua ideologia, seu companheirismo em luta de uma vida mais digna, a tornou também uma outra pessoa, com novos princípios, nova consciência e novas perspectivas. Isso era perceptível não só em sua fala, em seus exemplos, mas na tentativa de nos convencer de como o movimento social é importante na formação do indivíduo:

O mais importante de tudo, porém, é que comumente verificamos que a definição da situação projetada por um determinado participante é parte integral de uma projeção alimentada e mantida pela íntima cooperação de mais de um participante. (GOFFMAN, 2013, p.90)

Dessa maneira, percebemos como que através da atuação o discurso do movimento é incorporado pelos integrantes deste. O que não significa que seja apenas discurso, mas que seu poder de desempenho e convencimento é fortemente presente nos indivíduos. É necessário mostrar que se faz parte de algo que funciona, que luta pelo bem do coletivo e que transforma a vida das pessoas, como foi com Carla.

Considerações Finais

Esse é o início de uma longa jornada em busca do registro da história dessas mulheres guerreiras- filhas, irmãs, esposas, mães, tias, avós. Mas também, assentadas,

agricultoras rurais, adoráveis amantes, administradoras do lar e do lote, advogadas dos filhos e professoras da vida. Mulheres que lutam todos os dias contra o preconceito, o descaso, a falta de respeito, a injustiça e a desesperança.

Por melhor que seja nossa atuação, a vida cotidiana não pode forjada. No cotidiano da vida que nos revelamos, mostramos quem somos. Na correria da vida moderna em meio a ações repetitivas que traçamos sonhos e desistimos deles. Sonhos esses, que para nossas protagonistas (aqui reveladas) são renovados. Transformados em esperança e paixão pela vida. Que auxilia na construção de um cotidiano que as impulsionam a seguir em frente, a buscar qualidade de vida, a se informar para formar homens e mulheres sadios e cidadãos de luta. Cidadãos que não se conformam com a miséria e ignorância. Que não abaixa a cabeça, diante das dificuldades e nem da dominação que tenta nos unificar em seus moldes sociais, e que também nos ensina que homens e mulheres são e devem ser diferentes.

Contudo, não se pode concluir o iniciado, e talvez até mesmo o inconcluso. Estamos escrevendo sobre “gentes”, pessoas em constante transformação. Não existem indivíduos estáticos, pois não fazer nada, é fazer alguma coisa que influencia e atinge outras coisas e pessoas. Mas com certeza seres estáticos não simboliza essas mulheres guerreiras que são fortes como o aço, sem deixar de ser doce como o mel.

Referências Bibliográficas

- BARROSO, Carmen. **Sozinhas ou mal acompanhadas**: a situação das mulheres chefes de família. In.:Anais do Primeiro Encontro Nacional de Estudos Populacionais- ABEP, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. **Dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
- QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. **Variações sobre a técnica do gravador como registro de informações vivas**. São Paulo: T.A.Queiroz Editor Ltda, 1991.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo, Ed. Contexto, 2007.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013.

